



**TRAJETÓRIA ARQUITETÔNICA DE PAULO ANTUNES RIBEIRO  
EM SALVADOR: Edifício Caramuru, Hotel da Bahia e Sede do Banco  
da Bahia.**

**TRAYECTORIA ARQUITECTÓNICA DE PAULO ANTUNES  
RIBEIRO EN SALVADOR: Edifício Caramuru, Hotel de Bahia y  
Banco de Bahia**

**ARCHITECTURAL TRAJECTORY OF PAULO ANTUNES  
RIBEIRO IN SALVADOR: Caramuru Building, Bahia Hotel, and  
Bank of Bahia.**

**MARIANA SANTOS DE OLIVEIRA (1); ANA CAROLINA DE SOUZA  
BIERRENBACH (2)**

1. Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA)  
Rua Caetano Moura, 121, Federação, CEP: 40210-905, Salvador, BA - Brasil  
marioliveira1995@hotmail.com  
orcid.org/xxxxxxx
2. Professora Associada da Faculdade de Arquitetura da UFBA e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA. Doutorado em Teoria e História de la Arquitectura, Universitat Politècnica de Catalunya (UPC) (2006)  
Rua Caetano Moura, 121, Federação, CEP: 40210-905, Salvador, BA – Brasil  
acbierrenbach@gmail.com  
orcid.org/0000-0002-0441-70360



## RESUMO

O artigo propõe apresentar a trajetória do arquiteto Paulo Antunes Ribeiro durante o período no qual atuou em Salvador. Ao longo de quase cinquenta anos de atividade profissional, executou projetos em diversos lugares do Brasil. Em Salvador, entre as décadas de 1940 e 1960 elaborou numerosos projetos, destacando-se o Edifício Sede do Banco da Bahia (1958), o Hotel da Bahia, em parceria com Diógenes Rebouças, (1951) e o Edifício Caramuru (1949). Diante dessas três obras, pretende-se abordá-las no que concerne ao contexto das suas realizações, dimensões volumétricas, espaciais, técnicas e materiais. Além deste caráter descritivo, tem-se a intenção de pontuar os seus valores sociais, estéticos e tecnológicos. Propõe-se manter o foco nas análises arquitetônicas dos edifícios e nas intervenções posteriores que provocaram transformações significativas nas suas características originais. Pretende-se, finalmente, fazer uma avaliação crítica das últimas intervenções realizadas nesses três edifícios.

**Palavras-chave:** Paulo Antunes Ribeiro, Arquitetura Moderna em Salvador, intervenções em Arquitetura Moderna.

## RESUMEN

El artículo propone presentar la trayectoria del arquitecto Paulo Antunes Ribeiro durante el período en el que actuó en Salvador. A principios de los años 1930 instaló su oficina de Arquitectura, que tuvo un importante papel en el país. A lo largo de casi cincuenta años de actividad profesional, ejecutó proyectos en diversos lugares de Brasil. En Salvador, entre las décadas de 1940 y 1960 elaboró numerosos proyectos, destacándose el Edificio Sede del Banco da Bahia (1958), el Hotel de Bahia, en sociedad con Diógenes Rebouças, (1951) y el Edificio Caramuru (1949). Ante estas tres obras, se pretende abordarlas en lo que concierne al contexto de sus realizaciones, dimensiones volumétricas, espaciales, técnicas y materiales. Además de este carácter descriptivo, se tiene la intención de puntuar sus valores sociales, estéticos y tecnológicos. Se propone mantener el foco en los análisis arquitectónicos de los edificios y en las intervenciones posteriores que provocaron transformaciones significativas en sus características originales. Se pretende, finalmente, hacer una evaluación crítica de las últimas intervenciones realizadas en esos tres edificios.

**Palabras clave:** Paulo Antunes Ribeiro, Arquitectura Moderna en Salvador, intervenciones en Arquitectura Moderna.

## ABSTRACT

The article presents a trajectory of the architect Paulo Antunes Ribeiro during the period in which acted, in Salvador. In the early 1930's he set up his Architecture office, that played an important role in the country. Throughout nearly fifty years of professional activity, executed projects in several places in Brazil. In Salvador, between the 1940s and 1960s he elaborated numerous projects, most notably the Bank of Bahia Headquarters Building (1958), the Hotel da Bahia, in partnership with Diógenes Rebouças, (1951) and the Caramuru Building (1949). In view of these three works, we intend to address them in the context of their achievements, volumetric, spatial, technical and material dimensions. In addition to this descriptive character, it is intended to punctuate their social, aesthetic and technological values. It is proposed to maintain the focus on the architectural analyses of buildings and subsequent interventions that have caused significant changes in their original characteristics. Finally, it is intended to make a critical evaluation of the last interventions carried out in these three buildings.

**Keywords:** Paulo Antunes Ribeiro, Modern Architecture in Salvador, interventions in Modern Architecture.



## **Trajatória Arquitetônica de Paulo Antunes Ribeiro em Salvador: Edifício Caramuru, Hotel da Bahia e Sede do Banco da Bahia.**

### **Introdução**

A atuação do arquiteto carioca Paulo Antunes Ribeiro em Salvador é significativa. Entre os anos 1940 e 1960 realizou alguns dos mais importantes edifícios modernos da cidade, podendo-se destacar o Edifício Caramuru (1946-1949), o Hotel da Bahia (em parceria com Diógenes Rebouças – 1948-1952) e o Edifício Sede do Banco da Bahia (1949-1958). Mas sua produção arquitetônica em Salvador inclui outros prédios como o Edifício Paraguassu (1952), o Edifício Conde Pereira Marinho (1959) e o Edifício Barão de Cotegipe (1962) (ANDRADE JÚNIOR, 2013). O presente texto pretende apresentar a trajetória do arquiteto durante o período em que atuou na cidade, concentrando-se na descrição (aspectos volumétricos, espaciais, técnicos e materiais) e na avaliação (social, estética e técnica) dos três primeiros edifícios anteriormente mencionados. Também se tem a intenção de fazer uma avaliação crítica das últimas intervenções realizadas nesses três edifícios.

Paulo Antunes Ribeiro nasceu no Rio de Janeiro, em 1905. Diplomou-se na Escola Nacional de Belas Artes – ENBA – em 1926. Sua atuação se dava entre o urbanismo e a arquitetura, além de ter assumido a presidência do IAB (1953-1956). Tornou-se um profissional de destaque no país, com obras reconhecidas nacionalmente e internacionalmente. Apesar disso, trata-se de um arquiteto pouco estudado.

## EDIFÍCIO CARAMURU<sup>1</sup>



Figura 1 – Fachada Edifício Caramuru  
Fonte – CARICCHIO, 1949

### Descrição

O edifício Caramuru situa-se no bairro do Comércio, na cidade do Salvador, na esquina da rua da Grécia com a rua Estados Unidos. Situa-se nas imediações da Baía de Todos os Santos e do seu porto. No seu entorno existiam armazéns, escritórios, bancos e seguradoras. O edifício, pertencente à Companhia Prudência e Capitalização, teve a sua pedra fundamental lançada em 23/11/1946 e a sua inauguração ocorreu em 08/11/1949. A construtora responsável foi a Cia. Brasileira Imobiliária e de Construções.

O edifício ocupa a totalidade do lote no pavimento térreo e estabelece recuos laterais em dois lados nos demais pavimentos. Possuía originalmente 8 pavimentos: um térreo com pé-direito duplo, 7 pavimentos-tipo; uma cobertura com apartamento e terraço-jardim;

---

<sup>1</sup> As informações sobre o Edifício Caramuru foram, na sua maior parte, tomadas da Ficha Mínima do edifício realizada pelo DOCOMOMO-Bahia. Este artigo pretende também colaborar para a divulgação das pesquisas que vêm sendo realizadas no Núcleo DOCOMOMO-Bahia (atual DOCOMOMO-BA.SE).



uma caixa de circulação central. Ao volume prismático do edifício somava-se na cobertura um elemento cilíndrico, que ocultava a caixa dos elevadores.

Externamente o tratamento das fachadas era diferenciado. No térreo possuíam finas marquises curvas com alturas alternadas. Todas as fachadas dos pavimentos superiores tinham esquadrias em toda sua extensão, com presença de venezianas acima e abaixo das janelas envidraçadas. Entretanto, as fachadas que se direcionam ao poente também possuíam brises-soleil. Esses eram dispostos sobre pequenas vigas em balanço e compunham-se por painéis de aço (MAGNAVITA, 2003) que mediam 2X3m, que sustentavam uma tela de tipo “kool shade” de 1mm de largura, distribuídos ao longo de duas fachadas em planos alternados.

Internamente o térreo possuía um mezanino sinuoso e algumas paredes ondulantes. Os demais pavimentos organizavam-se de modos diferentes, tirando partido das plantas-livres. O terraço-jardim era especialmente interessante, com muros sinuosos e canteiros para plantas que seguiam o mesmo formato. Também chamava atenção uma escultura em fios de cobre de Mário Cravo, disposta no exterior da casa de máquinas.

A construção do edifício utilizou estrutura em pilares, lajes e vigas em concreto armado.

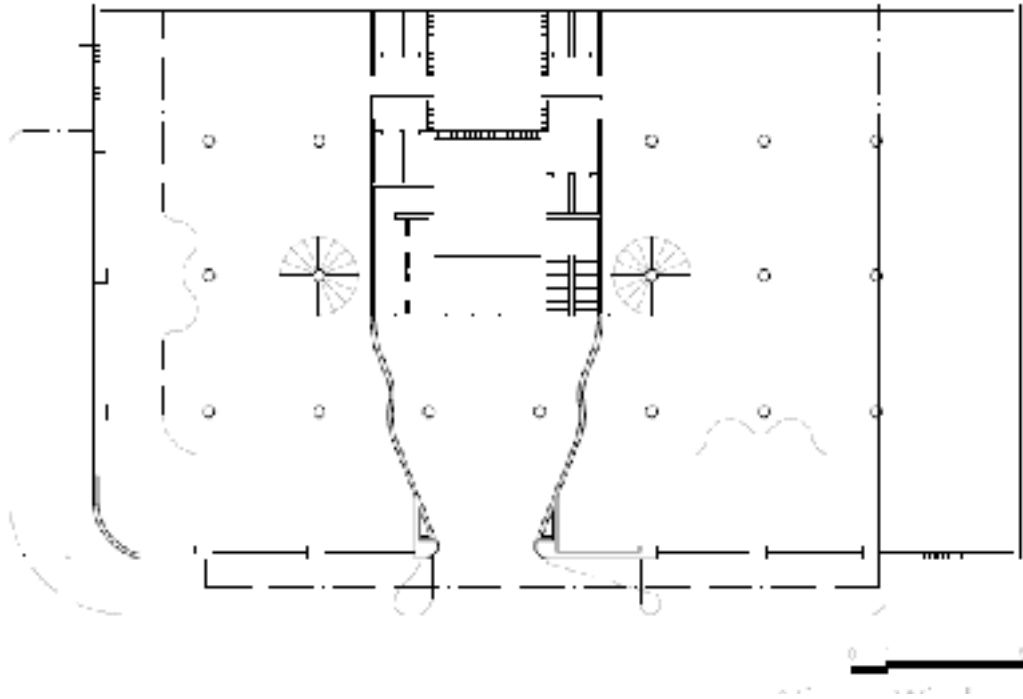


Figura 2 – Planta térreo original.  
Fonte – Ana Carla Pacheco – DOCOMOMO-BA.SE (2018)<sup>2</sup>.

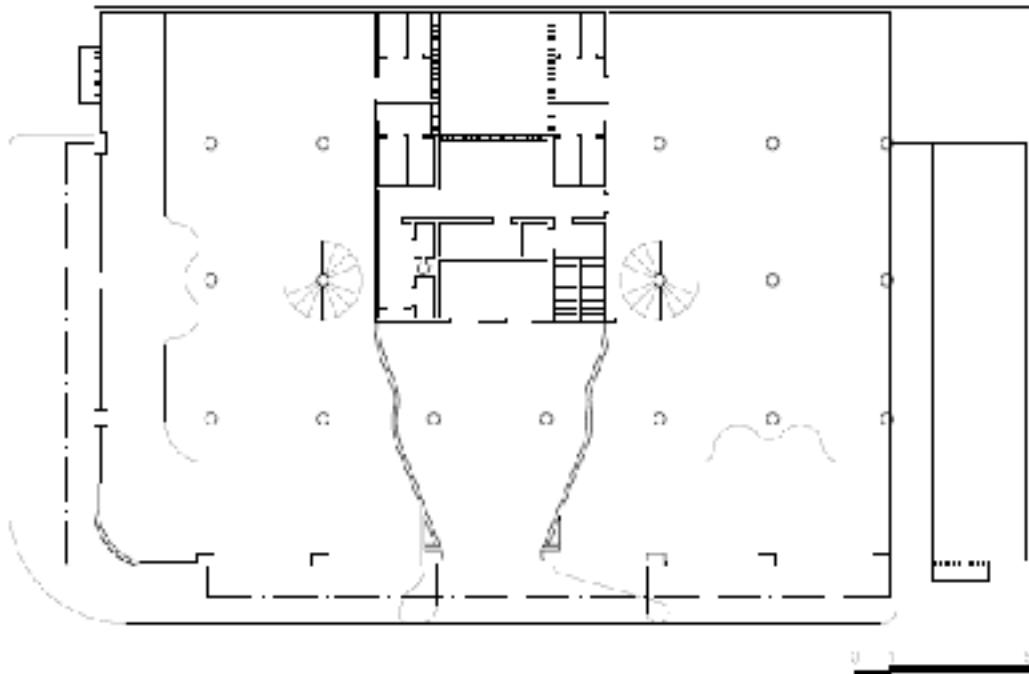


Figura 3 – Planta mezanino original.  
Fonte – Ana Carla Pacheco – DOCOMOMO-BA.SE (2018).

<sup>2</sup> Plantas formuladas a partir da Revista L'Architecture d'aujourd'hui n.42-43, 1952, p.25.



## **Valoração**

O Edifício Caramuru teve seu valor reconhecido nacionalmente (menção na 1ª Bienal Internacional de São Paulo – 1951) e internacionalmente (L'Architecture d'Aujourd'hui – 1952; Architectural Review – 1954; Domus – 1954).

O edifício apresentava características técnicas inovadoras, especialmente no que diz respeito aos brises propostos. Esses permitiam o controle da insolação e, simultaneamente, possibilitavam que fosse mantida a visualização da Baía de Todos os Santos. Magnavita (2003) afirma que, ao tornar os brises descontínuos, o arquiteto conseguiu proporcionar maior ventilação dentro do edifício e minimizar o seu aquecimento, algo inovador com relação a outros brises empregados na época.

Em termos estéticos, destacam-se algumas soluções. O volume prismático retangular era amenizado através de alguns recursos, como a introdução das marquises finas e sinuosas no térreo, dos brises nos andares superiores, e dos volumes e planos curvos dispostos no terraço-jardim. Esse último foi alvo de especial atenção por parte do arquiteto, recebendo tratamento paisagístico e o painel de Mário Cravo. Deve-se salientar que Paulo Antunes Ribeiro percebeu que o espaço da cobertura era absolutamente singular, uma vez que podia ser observado desde a Cidade Alta de Salvador. Nesse sentido, o arquiteto trabalhou entendendo a cobertura como sendo, de fato, uma “quinta fachada”.

Mas os elementos com maior destaque no projeto eram certamente os brises que, além de serem funcionais, também tinham valor estético. Suas presenças nas fachadas conferiam uma singularidade ao edifício, permitindo transparência e criando luzes e sombras diversas no decorrer dos dias.

## **Alterações**



O edifício passou por uma série de transformações no decorrer do tempo. Essas não tinham afetado de modo muito marcante o interior do edifício. Entretanto, seu exterior foi bastante alterado, principalmente no que diz respeito aos brises (que foram extraídos) e ao terraço-jardim, que tinha sido substituído por um telhado. Em 2009 o edifício passou por uma intervenção. Essa refez os brises “literalmente” como eram. Entretanto, os novos brises pecam pela ausência da sutileza que era característica dos anteriores. Também foi refeito o terraço jardim. Mas, nesse caso, a nova intervenção mais uma vez não é nada delicada e não cria um espaço de convívio aprazível na cobertura. Os pavimentos-tipo foram reorganizados para receber novas divisórias, o que corresponde com a lógica do edifício original. Já o térreo foi compartimentado, dificultando a compreensão da sua espacialidade e da sinuosidade que eram uma das principais características do edifício.

### **Considerações sobre a conservação**

Atualmente o edifício encontra-se conservado em termos materiais. Considera-se, entretanto, que as intervenções recentes comprometeram seriamente a conservação do seu caráter arquitetônico. Parte das características mais marcantes do edifício já estava comprometida em 2009. Entretanto, entende-se que tanto a reposição dos brises quanto a recuperação da cobertura foram feitas de modo muito precário, perdendo-se a oportunidade de criar soluções arquitetônicas mais autênticas, que possibilitassem conferir uma revalorização do edifício. Outro fator comprometedor foi o tratamento dados ao térreo e ao mezanino, que ignorou a conformação espacial original, e que ainda existia em 2009.



## EDIFÍCIO BANCO DA BAHIA<sup>3</sup>



Figura 4 – Fachada Banco da Bahia  
Fonte – Revista Única 07/1958

### Descrição

O Banco da Bahia foi uma importante instituição para a capital baiana e também para o Estado da Bahia durante o século XX. Localiza-se na rua Miguel Calmon, nas proximidades do Edifício Caramuru. O início da construção ocorreu em 26/04/1950 e a inauguração em 01/07/1958. A construtora responsável foi a Cia. Brasileira Imobiliária e de Construções.

Na proposta inicial, apenas uma área limitada do terreno foi utilizada. O edifício era distribuído em nove pavimentos, com exceção do subsolo e casa de máquinas. O térreo possuía a entrada do banco, acessos a outros pavimentos, hall, sala de guichês e gerência. Na sobreloja (mezanino) havia guichês, a central telefônica e o câmbio. O

---

<sup>3</sup> As informações sobre o Edifício Banco da Bahia foram, na sua maior parte, tomadas da Ficha Mínima do edifício realizada pelo DOCOMOMO-Bahia.



primeiro andar recebia um tratamento diferenciado, posto que aí funcionava a sala da direção, a secretaria, a sala de espera e a presidência. Neste local, existia um mural de Candido Portinari. A partir do segundo pavimento encontravam-se os andares tipo, destinados inicialmente para escritórios e demais instalações do próprio banco. No nono e último pavimento localizavam-se restaurante, sala e terraço-jardim, para uso de banqueiros locais.

Originalmente os acessos aconteciam exclusivamente pela Rua Miguel Calmon, com três entradas distintas. No térreo, o salão de atendimento do banco era caracterizado por um espaço com pé-direito duplo, com a presença de um mezanino sinuoso. Neste salão havia um grande balcão curvo que percorria toda a sua extensão. O acesso do térreo ao mezanino era feito através de uma escada, que também tinha a mesma sinuosidade. Nos andares tipo, a planta livre com a presença dos pilotis à vista, possibilitava o uso de divisórias que se articulavam de acordo com as necessidades do Banco. No nono pavimento, voltavam a aparecer paredes sinuosas e um terraço com um canteiro ondulado, com tratamento paisagístico.

O Banco da Bahia possui uma geometria prismática simples, com pequeno recuo frontal na altura da entrada principal e, originalmente, também nos últimos pavimentos. Na fachada principal havia três acessos, sendo que o principal conformava um espaço côncavo, coberto por uma marquise fina, ligeiramente inclinada para cima, sustentada por cabos atirantados, recortada por dois pilotis. Duas pequenas paredes delimitam essa área da entrada principal, separando-a das entradas laterais. A fachada dos pavimentos superiores formava uma extensa cortina de vidro. A fachada posterior, voltada para o poente, possuía janelas em fita. Nas mediações do seu segundo pavimento era possível perceber a redução das janelas em fita, e a inserção de brises que destacavam a posição da sala da presidência.

A técnica construtiva empregava o concreto armado de lajes lisas com vigas invertidas.

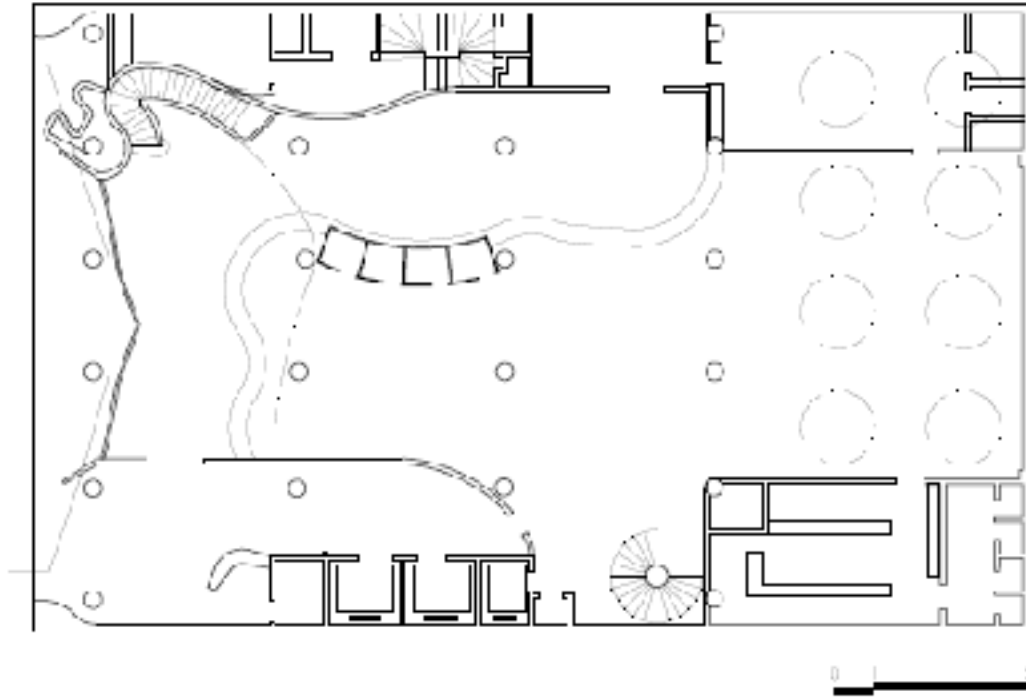


Figura 5 – Planta térreo original.<sup>4</sup>  
Fonte – Ana Carla Pacheco – DOCOMOMO-BA.SE (2018).

<sup>4</sup> Plantas formuladas a partir da Revista L'Architecture d'aujourd'hui, n.52, 1954, p.43.

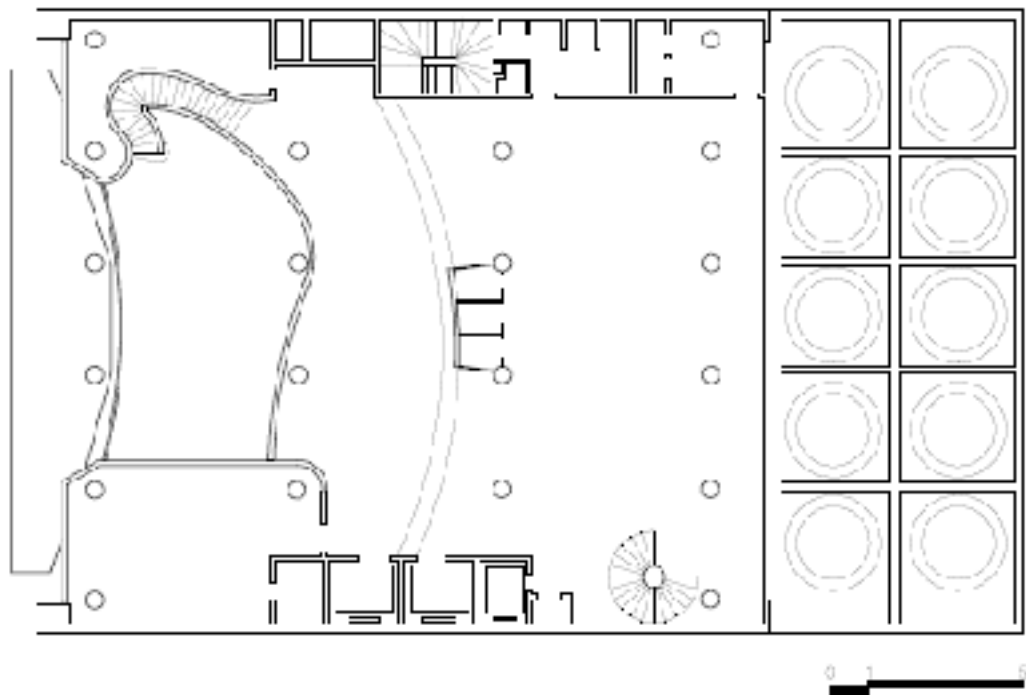


Figura 6 – Planta mezanino original.  
Fonte – Ana Carla Pacheco – DOCOMOMO-BA.SE (2018).



## **Valoração**

Em termos estéticos, chamam atenção no Banco da Bahia suas soluções espaciais e plásticas, principalmente aquelas usadas no térreo e no último pavimento. Do mesmo modo que ocorre no Edifício Caramuru, há também uma especial atenção a esses primeiros pavimentos e ao terraço. Um outro ponto de destaque é o tratamento da entrada principal, cujas características propiciavam um rompimento com a monotonia do bloco prismático e com a fachada envidraçada.

No que se refere aos valores sociais, cabe levar em consideração que a proposta do Banco visava atender às variadas necessidades do “moderno“ serviço bancário da Bahia. Assim, seus espaços se conformaram procurando responder a isso, além de tentarem promover a valorização dos ambientes internos, tanto aqueles usufruídos pelos clientes (principalmente o térreo e o mezanino), quanto aqueles utilizados pelos bancários (pavimentos-tipo) e pelos funcionários de mais alto escalão e banqueiros (primeiro pavimento e cobertura).

## **Alterações**

Em 1964 foi construído um edifício anexo ao Banco da Bahia, que interferiu muito nas suas características. Uma série de reformas foram realizadas posteriormente para adequar o edifício a essa situação e a outros usos. Atualmente no local existem um banco e uma universidade.

No acesso principal uma placa do Banco Bradesco obstrui a percepção da fina marquise de concreto existente. Na fachada posterior, vale salientar a manutenção das suas principais características, além da permanência dos brises originais, cuja função estava ligada originalmente à proteção da sala da presidência voltada ao poente. No entanto, essa função foi eliminada diante da construção do prédio anexo, que gera sombra nessa fachada. Em ambas as fachadas, chama a atenção a inserção indiscriminada de



aparelhos de ar-condicionado. Na cobertura, o terraço antes existente foi eliminado com o prolongamento da área construída. Além da transformação física, o espaço deixou de ser um terraço-jardim como proposto originalmente e se tornou apenas uma sala a mais do prédio. Os acessos também passaram por modificações que acompanharam as alterações de uso do edifício. Atualmente a entrada principal original, voltada para a Rua Miguel Calmon, está fechada, devido à reorganização do espaço interno do Banco Bradesco. As duas entradas laterais seguem existindo e dão acesso à Universidade que atualmente ocupa vários pavimentos superiores do edifício.

Com a construção do anexo posterior, o térreo e o mezanino se tornaram espaços de conexão entre os dois edifícios, acarretando em alterações profundas na sua organização espacial, apesar da manutenção de algumas paredes curvas e do mezanino. Em uma das reformas realizadas foi demolido o grande balcão serpenteante. Ligando o térreo à sobreloja havia uma escada semelhante à que existe hoje, porém, essa passou por um processo de ampliação, mantendo a mesma disposição, mas modificando-se a sua forma.

Os demais pavimentos também passaram por uma série de modificações, de caráter espacial e material. Chama atenção o fato do grande painel de Candido Portinari, ter sido retirado e deslocado para a sede do Banco Bradesco, em Osasco.

### **Considerações sobre a conservação**

Com relação à conservação material do edifício, pode-se notar que existem muitos espaços e materiais estão degradados, precisando de cuidados. No que se refere à conservação do seu caráter, a situação é complexa: as fachadas frontal e posterior foram parcialmente preservadas em seus estados originais, apesar de algumas modificações, e da instalação de aparelhos de ar-condicionado. Porém as alterações realizadas nos espaços internos modificaram consideravelmente a natureza do edifício. Seu principal

valor se concentrava na solução espacial e plástica empregada em partes do projeto, porém foram feitas alterações que interferem diretamente nessas soluções. A progressiva eliminação dos materiais nobres que integravam o espaço também contribuiu para a perda do seu caráter. Outro fator importante a ser mencionado é ausência das obras de arte que compunha alguns espaços, como por exemplo, o quadro de Portinari.

## HOTEL DA BAHIA<sup>5</sup>



Figura 7 – Fachada Hotel da Bahia.  
Fonte – LIONS, 1968.

## Descrição

---

<sup>5</sup> As informações sobre o Hotel da Bahia foram, na sua maior parte, tomadas da Ficha Mínima do edifício realizada pelo DCOMOMO-Bahia.



O Hotel da Bahia está situado em um terreno de esquina, entre a Avenida Sete de Setembro e a Praça do Campo Grande, nas proximidades do Teatro Castro Alves. Foi construído para suprir uma demanda na cidade por edifícios hoteleiros de alto padrão. Este projeto foi realizado a partir da parceria de Paulo Antunes Ribeiro e Diógenes Rebouças (1914-1994), com a participação da Companhia Construtora Regis Agostini. O início das obras aconteceu em 1948. Houve uma inauguração simbólica em 30/01/1951 e outra efetiva em 24/05/1952 (ANDRADE JÚNIOR, 2013, p.35-36).

O edifício está implantado diagonalmente no lote. Compunha-se inicialmente por um volume principal estreito e longo que se conectava nos primeiros pavimentos a volumes secundários curvos. O volume principal estava apoiado sobre pilotis e possuía uma base formada por subsolo, pavimento principal e mezanino, com o setor social e o setor de serviços. O mesmo volume também tinha mais cinco pavimentos-tipo nos quais se situavam 180 suítes. Cada pavimento-tipo possuía 36 suítes, sendo dezesseis delas voltadas para a Av. Sete de Setembro e vinte para a Praça do Campo Grande. O edifício contava com duas torres de circulação vertical, cada uma com três elevadores e escada: a social, localizada no trecho central da fachada e a de serviço, na extremidade oposta ao Campo Grande. O volume rigoroso do bloco principal era atenuado pela inserção nos pavimentos inferiores de volumes curvos que por vezes se apresentam recuados ou destacados em relação ao volume principal. As fachadas superiores dos últimos pavimentos eram mais opacas, demarcadas pela modulação das lajes e divisórias dos apartamentos que rompiam com a horizontalidade do bloco. Já as fachadas inferiores eram mais transparentes, mas também eram marcadas por um ritmo que produzia o mesmo efeito da parte superior. Uma característica importante era a relação existente entre o edifício e seu entorno, propiciada pela implantação e pela presença dos pavimentos inferiores vazados, que permitiam uma conexão entre as duas vias delimitadoras do terreno. O Hotel possuía importantes obras de arte integradas: a fachada do volume cilíndrico do restaurante, no pavimento térreo, foi revestida externamente por azulejos brancos e azuis com motivos marinhos em alto-relevo,





concebidos por Paulo Antunes Ribeiro. Outras obras relevantes foram realizadas, como o mural Festa Regionais, de Genaro de Carvalho, e os jardins concebidos por Roberto Burle Marx. (ANDRADE JÚNIOR, 2013, p. 42)

Para sua construção foram usados elementos estruturais de concreto com modulação, pilotis e uso da planta livre. As esquadrias originais eram com venezianas de madeira fixas e móveis.

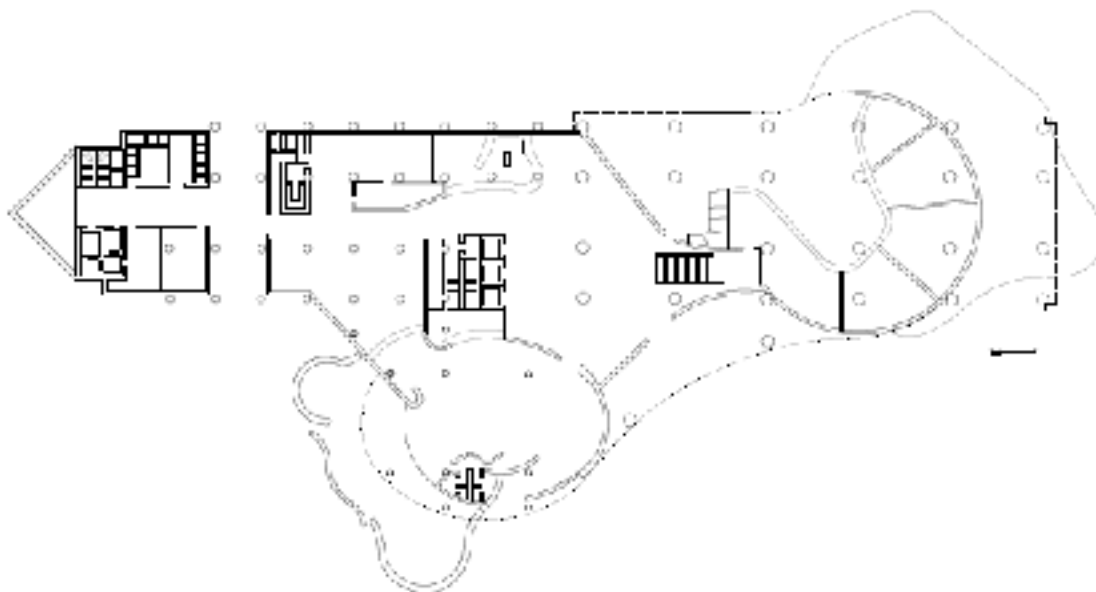


Figura 8 – Planta térreo original.<sup>6</sup>  
Fonte – Ana Carla Pacheco – DOCOMOMO-BA.SE (2018).

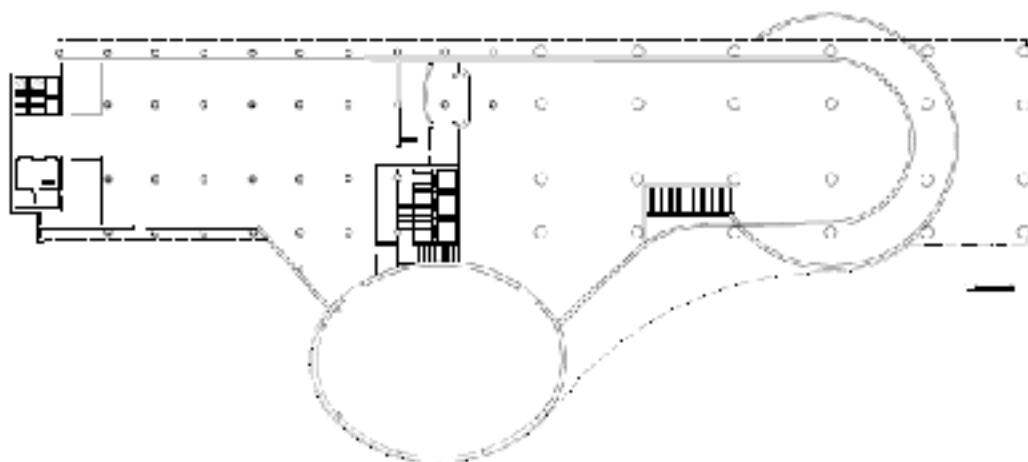


Figura 9 – Planta mezanino original.  
Fonte – Ana Carla Pacheco – DOCOMOMO-BA.SE (2018).

<sup>6</sup> Plantas formuladas a partir do livro de Enrique Mindlin, **Arquitetura Moderna no Brasil**. p.132.



## **Avaliação**

É necessário assinalar o papel social do Hotel da Bahia para a cidade. Hospedou turistas e também inúmeras pessoas ilustres. Seus salões também receberam importantes exposições artísticas e eventos. Embora atualmente não tenha o mesmo impacto social outrora desempenhado, continua sendo um edifício relevante para a cidade.

Trata-se de um importante exemplar da arquitetura moderna soteropolitana. Chama atenção a qualidade do projeto original, que articula de forma potente a implantação, as soluções volumétricas, o tratamento das superfícies, a espacialidade, além da inserção de um conjunto de obras de arte relevante.

## **Alterações**

O projeto passou por transformações antes mesmo de ser construído. Na década de 1970 aconteceu a sua primeira reforma, com a inclusão de duas piscinas. Em 1984 ocorreu outra reforma realizada por Diógenes Rebouças e Lourenço Valladares, para adaptá-lo aos novos padrões de hotelaria do momento. No bloco principal houve modificações que afetaram principalmente seus primeiros pavimentos com compartimentação do espaço e diminuição das conexões internas e externas. Também foram construídos mais três pavimentos superiores. Na face voltada para o Campo Grande foi acrescido um bloco com três pavimentos para ampliação dos espaços sociais e de serviços. Na parte lateral desse último bloco foi acrescido outro bloco mais baixo com um estacionamento no pavimento inferior e piscinas no pavimento superior. Na face direcionada para o Campo Grande, o volume anteriormente ocupado por lojas foi transformado. Na parte superior do bloco principal as fachadas foram transformadas com a extinção da demarcação da modulação estrutural e das divisórias dos apartamentos e com a inserção de novas esquadrias de alumínio preto com vidro fumê. Nesta reforma, três ambientes receberam obras de arte de Carybé, José Espinosa e Fernando Duarte. Em 2010 o edifício passou por outra reforma, realizada por André Sá e Francisco Mota Arquitetos e



Foguel Reis Sá Arquitetura. Esta intervenção modificou a espacialidade antes existente, que integrava o térreo, o mezanino e o exterior do edifício. Na parte externa foram retomadas a volumetria e os recortes do volume modificado na reforma anterior. Na área externa do restaurante foi construída uma nova escada de emergência com gradil criado pelo artista plástico Tatti Moreno.

### **Considerações sobre a conservação**

Depois da última reforma, o edifício está em bom estado de conservação material. No que se refere à conservação do caráter, considera-se que as diversas reformas realizadas interferiram no edifício original. A sua volumetria foi transformada, principalmente na área direcionada para o Campo Grande. Mas perdura o volume prismático principal e os volumes curvos secundários na área direcionada à Avenida Sete. As fachadas também foram modificadas com a diminuição da transparência e o ocultamento da expressão estrutural e da modulação, elementos que proporcionavam uma sensação de equilíbrio no edifício. A espacialidade também foi alterada com a diminuição das conexões espaciais internas e principalmente externas, com o fechamento do percurso que conectava os logradouros ao redor do edifício. Apesar dessas transformações o edifício ainda remete às suas principais características originais e continua assinalando a sua importância na cidade.

### **Conclusões**

Entre os edifícios construídos por Paulo Antunes Ribeiro em Salvador, os três mencionados são os mais relevantes. Nesses edifícios o arquiteto é capaz de utilizar os recursos difundidos pela Escola Carioca de um modo competente, principalmente no que diz respeito às dimensões plásticas e espaciais.



Apesar disso, é lamentável observar que esses e outros edifícios de sua autoria tenham sido modificados significativamente, sem levar em consideração os valores expostos. Não se trata de defender que os edifícios permaneçam detidos no tempo, mas sim que aconteçam intervenções que possam perceber os seus valores mais expressivos, originais ou não, e que se some arquitetura de qualidade aos edifícios preexistentes.

## Referências

AZEVEDO, Thales de; LINS, E. **História do Banco da Bahia**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio editora, 1969.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo. **Arquitetura moderna na Bahia, 1947-1951: uma história a contrapelo**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Salvador, 2012.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo. Um patrimônio cultural do povo baiano. In: GONÇALVES, Claudiomar (Org). **Hotel da Bahia: 60 anos years**. Salvador, BA: Claudiomar Editora, 2013. p. 17-49.

BANCO da Bahia representou um marco indelével na vida brasileira. **Jornal A Tarde**, Salvador, 01 jul. 1958.

BANQUE de Bahia a Salvador. **L'architecture d'aujourd'hui**. Paris, n. 52, p. 42, 1954.

BATIDA a primeira estaca do novo edifício do Banco da Bahia. **Diário de Notícias**. Salvador, 27 abr. 1950.

BIERRENBACH, Ana Carolina. Reflexões sobre a reciclagem da arquitetura moderna em Salvador – o Edifício Caramuru e a Cidade Baixa. In: **Anais do 7º DOCOMOMO BRASIL**. Porto Alegre 22 a 26 de outubro de 2007.

BIERRENBACH, Ana Carolina. **FICHA MÍNIMA – Edifício Caramuru**. Disponível em: [www.docomobahia.org](http://www.docomobahia.org) . Acesso em junho de 2018.

BRÉSIL, Hotel a Bahia. **L'architecture d'aujourd'hui**, Paris, n.52, s/d, s/p.



CARICCHIO, Ernani. **Cia. Brasileira Imobiliária de Construções S.A., Bahia.** (2º Tomo). Salvador: Imprensa Vitória, 1949.

CONTRIBUINDO para o progresso e embelezamento da cidade. **Diário de Notícias**, Salvador, 09 nov. 1949.

GASPAR, Maiara. **FICHA MÍNIMA – Hotel da Bahia.** Salvador: DOCOMOMO-BAHIA, novembro de 2013. Disponível em: [www.docomomobahia.org](http://www.docomomobahia.org). Acesso em junho de 2018.

GOES, Carlos Tertualino. **Fernando Goes o homem e sua época.** Salvador: Casa de Palavras, 2006, p. 175-290.

PROJETARÁ os jardins do Hotel da Bahia. O paisagista Roberto Burle-Marx – declarações ao Diário de Notícias. **Diário de Notícias**, mar. 1950.

GOES, Carlos Tertualino. **Fernando Goes o homem e sua época.** Salvador: Casa de Palavras, 2006, p. 175-290.

HOTEL a Bahia (Brésil). **L'architecture d'aujourd'hui**, Paris, n.27, s/p, s/d.

HOTEL da Bahia – Cidade do Salvador – Brasil. **Revista Arquitetura e Engenharia.** Rio de Janeiro, n.17, p. 41-42, mar-abr. 1951.

EDIFICE Caramuru a Bahia. **L'architecture d'aujourd'hui**, Paris, n. 42-43, p. 24-26. 1952.

EDIFÍCIO Caramuru – Paulo Antunes Ribeiro. **Acrópole**, set. 1959, ano 21. s/p.

LIONS clube de Salvador. **A nova cidade do Salvador.** Porto Alegre: Artes Gráficas. S.A, 1968.

MAGNAVITA, Pasqualino. “Estilo Funcional” Expressão local do Movimento de Arquitetura Moderna. Salvador-Bahia-Brasil - 1946/ 1951. In: **5º Seminário DOCOMOMO Brasil.** São Carlos | 27 a 30 de outubro de 2003.

MINDLIN, Henrique E. **Arquitetura moderna no Brasil.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.



OLIVEIRA, Mariana. FICHA MÍNIMA – BANCO DA BAHIA. Salvador: DOCOMOMO-BAHIA, novembro de 2013. Disponível em: [www.docomomobahia.org](http://www.docomomobahia.org). Acesso em junho de 2018.

SEDE do Banco da Bahia, S.A. **Revista arquitetura e engenharia**. n.30, ano VI, p.44-51, mar/abr. 1954.

SEGRE, Roberto. A perda de um ícone carioca. A demolição de edifício de Paulo Antunes Ribeiro no Rio de Janeiro. São Paulo: Vitruvius, n.049.06, jun. 2004. Disponível em: <[www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp238asp](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp238asp)> Acesso em 15/04/2007